

Atualidade de Quarto de Despejo – A repetição do espetáculo

Silvia Pazini da **SILVA**¹
Vanessa dos **SANTOS**²

Quando fui catar papel encontrei um preto. Estava sujo que dava pena (...) seu olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano (...) Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! (JESUS, 1960, p. 48).

Pessoas comendo coisas do lixo, meninas se prostituindo, desemprego, migrantes chegando aos centros urbanos com esperanças de melhorar a vida, mulheres sendo agredidas pelos seus maridos, a favela que cresce, o olhar de desprezo lançado para o pobre, para o favelado, para o negro. O alcoolismo, a falta de remédios e de médicos nos postos de saúde, o descaso dos governantes com o povo, a falta de perspectiva no futuro, representam, fielmente os problemas do nosso dia a dia.

Porém, Carolina Maria de Jesus nos revela por meio de seu livro *Quarto de despejo* que todos estes problemas já estavam na ordem do dia há mais de quarenta anos atrás, quando relata o cotidiano da favela do Canindé (hoje a marginal Tietê). *Quarto de despejo* é, mais especificamente, um diário, ou uma coletânea de diários, escritos por Carolina e descobertos pelo jornalista Audálio Dantas que, primeiramente os transformou em artigos, e depois num livro que foi publicado no ano de 1960.

¹ Graduanda em Ciências Sociais na FFC/UNESP, participou do Seminário do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema sobre *Quarto de despejo*.

² Graduanda em Ciências Sociais na FFC/UNESP, participou do Seminário do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema sobre *Quarto de despejo*.

O interessante é notar que alguns aspectos vistos como passageiros pela autora naqueles anos se mostraram resistentes ao tempo, podemos até dizer, estruturais.

Podemos começar pela própria existência das favelas que no entender de Carolina seriam apenas moradias transitórias mas que, entretanto, cresceram e estão por todas as partes do Brasil. Só em São Paulo – segundo o IBGE – 7,5% dos domicílios se encontram em setores *sub-normais* (conceito do IBGE para classificar as favelas). A favelização é um fenômeno crescente. Em 1973, 1% da população de São Paulo morava em favelas; em 1980 esse número salta para 4%, chegando a 8% (1,15 milhão) no início dos anos 1990. Em 2000, de acordo com um estudo feito pela Prefeitura e pelo Centro de Estudos da Metrópole, existiam 2.018 favelas, com 378.863 domicílios para 1,16 milhão de pessoas. De 1991 a 2000 surgiram na metrópole 464 favelas: uma a cada oito dias. Em quase todas as subprefeituras verifica-se a presença de domicílios em situação subnormais. De acordo com o Cadastro de Favelas da SEHAB, para o ano de 2000, em números absolutos, as subprefeituras de São Paulo com maior número de favelas são M’Boi Mirim com 272, seguida de Campo Limpo com 237, Capela do Socorro com 221, Cidade Ademar com 198.

Este não é um problema que ocorre apenas em São Paulo, as favelas têm aumentado em todo o país e este tipo de “moradia sub-normal” deixou de ser um problema unicamente das grandes cidades, sendo sentido também em médios e pequenos municípios.

A partir da década de 1940, um enorme fluxo de migrantes nordestinos veio para São Paulo em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Carolina seria uma dessas migrantes que saiu do campo – mais especificamente de Minas Gerais – para tentar viver na grande cidade. Esse fluxo de gente levou São Paulo a uma urbanização caótica, pois assim como ela, muitos migrantes sem lugar para morar, ocuparam terrenos vazios e devolutos, encostas de morro, etc., sem qualquer infra-estrutura e no abandono completo das políticas públicas.

No livro *Quarto de despejo* Carolina já demonstrava a gravidade da prostituição infantil, comprometendo a vida de meninas na faixa dos quinze anos. Hoje temos relatos de crianças que se iniciam na prostituição até mais cedo, algumas com doze anos de idade, ou menos. A prostituição infantil é realmente um fato notório no Brasil atual, com agravante do aumento de turismo sexual e do esquema de tráfico de mulheres. Um levantamento feito pela Universidade de Brasília em parceria com a Secretaria Nacional de Direitos Humanos e o Unicef registrou casos de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes em 927 dos 5.561 municípios brasileiros.

O grande consumo de drogas ainda tinha pálidos contornos na época de Carolina e se restringia basicamente à bebida. O álcool que era usado como um paliativo na tristeza e na fome, ainda é usado, mas também pode ser substituído ou até mesmo acompanhado pelo *crack*, pela cola de sapateiro ou por outras tantas drogas que “aliviam o desespero da miséria”, segundo o senso dos usuários. Em outras palavras, a favela hoje acrescenta ao problema do alcoolismo o problema do consumo de drogas.

Isto nos leva a discutir um outro problema destacado no texto de Carolina: o crime e a violência. Os pequenos roubos e furtos da época da Favela do Canindé foram substituídos por uma nova estratégia, fruto da mesma da violência cotidiana tal como aquela descrita por Carolina, que profissionaliza no crime uma “mão-de-obra” formada por meninos e meninas sem perspectivas de futuro, vítimas da pobreza e do abandono por parte do Estado.

A questão do aumento da criminalidade hoje é um fato, os grupos criminosos estão cada vez mais organizados. Nos últimos meses o PCC (Primeiro Comando da Capital) demonstrou a capacidade organizativa e o “poder de fogo” destas organizações criminosas. Contudo, há a relação desta violência com os diversos problemas estruturais apontados por Carolina (mesmo que ela os visse como passageiros) e sumariamente descritos neste trabalho. Atualmente, cerca de 300 mil jovens entre 12 e 19 anos não estão na escola nem trabalham. Eles são vulneráveis. Talvez 10% entrarão na criminalidade. Mas esse número se renova a cada ano.

Um exemplo desse aumento da criminalidade são os seqüestros; o jornal *O Estado de São Paulo* publicou em maio deste ano a ocorrência de um seqüestro a cada dois dias. Segundo o DataFolha, desde 2001, esse crime aumentou 387%.

Outro elemento que poderia ser considerado como fundante no livro de Carolina é a questão da fome. Esta se mostra presente ainda nos dias de hoje e segundo os dados do IBGE, mais de 72 milhões de brasileiros (40% da população do país) estão em situação de insegurança alimentar, ou seja, não têm garantia de acesso à comida em quantidade, qualidade e regularidade suficiente. Cerca de 14 milhões passam fome.

A visão política de Carolina, segundo a qual as promessas políticas nunca são cumpridas e a idéia de que todos os problemas do Brasil terão fim com a “vinda de um messias” para governar, ainda é presente em boa parte da população. “... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.” (JESUS, 1960, p. 26)

Passados tantos anos da publicação de *quarto de despejo*, constatamos que as personagens de Carolina estão vivas e podem ser vistas nas ruas e nas notícias de jornais. E apenas para finalizar, uma observação: o homem que Carolina esperava chegou à Presidência da República.

Bibliografia

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Linográfica, 1960.